

## Onze anos de correspondência: os *machados* de Assis

Maria Cristina Cardoso Ribas

### RESUMO:

Esta pesquisa desenvolvida no Centro de Memória da ABL focaliza a correspondência ativa e passiva de Machado com os amigos acadêmicos, durante os onze anos em que esteve na Presidência da ABL. Como a análise empreendida demonstra a ausência de dados factuais significativos no discurso epistolar machadiano visível, constatamos um *contar intransitivo* (Barthes, 2004) e optamos por ler os silêncios, as repetições, as negativas e as marcas de si (Foucault, 1985) inscritas e superpostas no texto das cartas; enfim, uma proposta de leitura que focaliza as estratégias discursivas do Machado missivista, as *personae* e as dobras com que ele se (auto)constitui nessa escritura múltipla. Um tecido de implicitudes que permitiu, no diálogo com o discurso ficcional, jornalístico e ensaístico machadiano, a captação de uma força subterrânea, (S.Santiago, 1983), a qual, por sua vez, desnuda uma prática social em que se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação estratégica com o outro.

Palavras-chave: correspondência, cuidado de si, escritura, *personae*.

## Onze anos de correspondência: os *machados* de Assis

Maria Cristina Cardoso Ribas

Esta pesquisa é resultado de um bem-sucedido Convênio entre a Academia Brasileira de Letras, à época presidida por Tarcísio Padilha, e a Fundação Carlos Chagas de Apoio à pesquisa no Rio de Janeiro, Faperj, então sob a Presidência de Antonio Celso Alves Pereira, Nossa pesquisa foi no Centro de Memória da ABL, e a grande emoção foi ter em mãos a letra machadiana, ora nítida, ora trêmula, chegando a esgarçar-se nos momentos de crise existencial e moléstia física.

A letra de Machado tem o talhe elegante, mas o traço é bastante instável. Cada risco acompanha o seu tremor, quando o relato coincide com a doença, com a melancolia. A parte material da escrita insinua estados de angústia, dor e sofrimento repetidamente passados para os correspondentes mais íntimos. Na escrita destas cartas, Machado insiste em chamar a atenção sobre si, sobre o próprio corpo doente.

Do outro lado, ou seja, no âmbito da recepção – referimo-nos a nós, intérpretes -, existe a frustração da leitura curiosa, rastreadora de revelações da intimidade do Senhor Machado de Assis. Se há alguma expectativa do leitor de descobrir revelações íntimas, elas são sempre frustradas. Machado conta o *já sabido*. Não se encontram confissões da vida pessoal, nem segredos sobre a produção escrita, a não ser aqueles de domínio público. Qual seria, portanto, o

foco de interesse para o público ou a contribuição intelectual da correspondência machadiana com os acadêmicos? Em que residiria a sua importância?

Por enquanto, é dizemos que ler tais cartas não deve valer apenas pela busca ou, melhor dizendo, *confirmação* dos dados sobre a história da vida literária carioca na transição do século XIX para o XX e que abrangem toda a sorte de considerações: desde as frequências nos cafés, maledicências políticas, fofocas editoriais, notas de falecimentos, bulas de remédio... passando pelas candidaturas às cadeiras vagas na Academia, “revelações” - específicas mas não originais - relatadas e que, possivelmente, envolveriam a doença de Machado, sua preconizada esterilidade, até seus ditos complexos, seu estigma de absenteísmo político e uma série de especulações que gravitam em torno de uma “personalidade” literária, um verdadeiro “emblema” da cultura carioca nos oitocentos. Esta modalidade “curiosa” e tão comum de olhar parece dificultada ou até mesmo vetada pelo próprio Machado em suas cartas. Sobre estes temas Machado *quase nada* diz.

Assim que, por esta *quase* ausência de referências factuais significativas, a nossa leitura da correspondência vem se construindo por outros caminhos. Mesmo porque aquela leitura curiosa e “detetivesca” que não quer se surpreender insistiria em desviar nosso olhar para o que *não* está ali em detrimento do que se inscreve diante dos nossos olhos para querer confirmar expectativas prévias. Esta atitude ingênua seria análoga à busca da certeza de que Capitu traiu ou não traiu, quando, neste caso, a certeza mais rentável à leitura de *Dom Casmurro* é a dúvida.

Insistimos, portanto, em não buscar dados da intimidade de Machado sob a máscara de testemunho autoral, mesmo porque não adotamos o relato autobiográfico como garantia de verdade. Não é por serem cartas que nos dizem “a verdade”, mas sim, “verdades”. Nossa escolha é não mapear o ilusório terreno das “certezas biográficas”, nem cair no extremo que o relativismo pode nos levar.

O nosso objetivo é ler, interpretar a correspondência, enfim, empreender revisões e rasuras na correspondência machadiana, Sabemos dos riscos de remexer nos guardados, mas pensamos que vasculhar a memória permite reconstituir as máscaras machadianas.

Esta proposta de leitura promove uma série de desdobramentos mais específicos. Não nos satisfazendo com o reduzido grau de informação das cartas, buscamos ler os silêncios ali inscritos. Compreendemos que há temas omitidos por Machado e esta omissão nos sugere

sentidos outros. Entendemos que o fato de “não” tocar em certos assuntos vai ser traduzido pelo senso comum como timidez ou diplomacia. Mas *não dizer* será apenas estratégia diplomática?

É preciso, ao invés de decifrar signos, produzir sentidos a partir dos jogos discursivos do narrador e do missivista. O importante, então, é identificar, em nível de discurso, as modulações, a função fática das mensagens, as intertextualidades, as negativas, o silêncio, as obliquidades.

Outro traço presente na correspondência ativa e passiva são as marcas de afetividade recíprocas entre os missivistas, principalmente quando eles se despedem no fecho das cartas. É um tratamento especial incomum para os dias de hoje, feito mediante o uso de possessivos e formas diminutivas dos nomes próprios, “do compadre e amigo”, “sempre seu”, “todo seu, Machadinho”.

A afetividade tão presente na correspondência é algo que ultrapassa o mero tratamento formal, mas representa a abertura, a permeabilidade necessária para que haja um intercâmbio entre as partes envolvidas. Neste sentido o afeto é a porosidade, a abertura que permitiria a alteridade, a presença do outro no discurso do mesmo; entretanto predomina o discurso do mesmo, da redundância. O discurso epistolar machadiano representa a sua disponibilidade para ouvir, ainda que chegue ao diferente de si pela própria repetição. Convém lembrar, aqui, que os autores românticos do século XIX entendiam a identidade como similaridade e não como diferença; daí a importância das confrarias, dos pares, dos grupos de pessoas afins. Todos querendo reafirmar a identidade na busca da semelhança, do “igual a mim”.

Ocorre que por um lado, o *correspondente* Machado trabalha com a similaridade, com a afirmação, com a satisfação das expectativas do interlocutor/destinatário; por outro, o *narrador* machadiano, com sua pena da galhofa, invade a máscara do missivista e transforma ou transtorna sua escrita epistolar: encontramos nas cartas as *negativas e as omissões* presentes na ficção machadiana (como, por exemplo, no *Memórias Póstumas*). Uma série de “nãos” se avizinha de forma descontínua nas cartas: não falar em política, não polemizar, não falar da (im)provável esterilidade, não falar da vida íntima, tudo até o justo ponto socialmente e por ele permitido. O que faz, então, Machado? Ele vai exatamente repetir o que seus destinatários querem ouvir. Encontramos redundância, por um lado, e negação, por outro – na verdade, ambas vieses do mesmo bordado.

Diante dessa tessitura, qual seria, então, a funcionalidade da correspondência machadiana? Por que incorre em repetições ao invés de informes originais, em outras palavras, como Machado missivista trabalha a repetição e por que os destinatários continuam interessados na sua resposta?

Dizemos que as Cartas são um gênero textual que, nos exemplos analisados, trabalham o previsível. São caixinhas de ressonância para presente de aniversário. Lê-las fora do lugar comum foi o nosso desafio. Daí nos perguntamos: no exercício de escrita das cartas, que imagem Machado constrói de si mesmo, a partir da relação com aqueles os quais se corresponde? Por que Machado chama tanto a atenção sobre si, sobre o seu próprio corpo doente e reitera a “culpa” da *natureza madraستا*? E enfim, como valorizar o conteúdo da correspondência, de maneira que possa contribuir para os estudos literários contemporâneos?

Trazemos aqui a reflexão de Barthes: ele diz que quando um fato é *contado* para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se um desligamento. É quando a voz autoral perde a sua origem e o autor entra na sua própria morte simbólica. E é nesse estágio que a escritura começa. (Barthes, 1988, p.68)

E de fato ocorre que, nas cartas, Machado parecia não pretender “contar” fatos e, curiosamente, os que ele narra já são de domínio público. O paradoxo estaria em como as cartas mantêm a credibilidade em sendo repetição. Então nos perguntamos: como a correspondência, versando sobre o *déjà vu* e oferecendo nada mais que o previsível, manteria a respeitabilidade e o interesse do destinatário, por um lado, e do intérprete, por outro? Enfim, como *ler* as cartas?

Ler as cartas enviadas e recebidas por Machado é uma experiência rica e desconcertante, na medida em que sua escrita impede que a imagem literária dele, Machado, que se pode encontrar na cultura corrente, mantenha-se tiranicamente centralizada na sua figura de autor, na pessoa, na história, nos gostos e paixões compondo, enfim, a sua propalada genialidade.

Na correspondência, Machado não ataca frontalmente a estrutura social em que se insere. Não faz revelações íntimas, confidências, a não ser as esperadas acerca de sua doença, não relata fatos que comprometeriam seus amigos ou conhecidos, tampouco polemiza sobre o Império, Canudos, escravidão, abolicionismo, questão militar, República. Diante desta formatação da correspondência, já que não encontramos o “sim”, torna-se mais útil, para nós, leitores, ler o texto justamente pelo viés das negativas, pelo “não”- da mesma forma que sugerimos a leitura do

capítulo final de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que o protagonista avalia a sua própria conduta de vida através de tudo o que *não* conseguiu ser e fazer. Entretanto precisamos vencer o preconceito de entender as negativas apenas como omissão, indiferença, comprometimento pessoal com alguma das partes envolvidas ou absenteísmo político – outro estigma alimentado mais pelo preconceito que pelo conhecimento efetivo destes textos.

Se Machado missivista não conta fatos nem faz confidências inéditas, se tantas expectativas dos leitores ele *não* satisfaz, o que faz, então? Será que, analogamente à ficção, o fim afirma a continuidade e a escrita sobrevive à morte? Lembremos – “não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor para quem a campa foi outro berço” (Assis, 1979, p. 513). Será que na correspondência o não também representaria um sim?

No *carteado*, seus segredos não são próprios, antes são lances bem pensados no jogo epistolar. Neste sentido, a mensagem chega aos destinatários como reforço da aliança entre os poetas melancólicos. A mensagem intransitiva importa não pelo conteúdo da mensagem, mas pelo estímulo à confraria. Não é o que diz, mas o seu efeito na esfera da recepção.

Na trilha de Barthes, ao considerarmos Machado um escritor moderno, dizemos que ele nasce ao mesmo tempo em que lemos seu texto – não precede nem excede a sua escritura, “é escrito eternamente aqui e agora”(Barthes, 1988, p.68). É importante nos darmos o direito ao engano e ao desengano que as palavras escritas propõem. E “um texto só é um texto se ele oculta, ao primeiro olhar, a lei de sua composição e a regra de seu jogo.” (Derrida, 1981, p.47) Se não vamos encontrar nas cartas segredos inconfessáveis, o que esperar? Talvez, ao ler as cartas, o leitor não encontre nada – a não ser o seu próprio (não)lugar. É quando sobressai a proposta barthesiana: à morte do autor sobrevém o nascimento da escritura.

Em consonância com a reflexão de Barthes, encontramos Foucault quando afirma que “em torno dos cuidados consigo toda uma atividade da palavra e da escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem.” (Barthes, 1985, p.57).

Conforme explica Foucault, a modalidade social auto-centrada – que se traduz no cuidado de si - constitui um individualismo fraco e, ao contrário do que parecem, as relações de si para consigo não são desenvolvidas neste caso. Ao falar nas relações *de si para consigo*, refere-se às formas de atividade “nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria

salvação.” (Barthes, 1985, p. 57). Lendo a correspondência de Machado e os (declaradamente) amigos acadêmicos – Magalhães de Azeredo, Salvador de Mendonça, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Mario de Alencar, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Rui Barbosa, João Ribeiro, Lucio de Mendonça -, verificamos a parte “visível”: a recorrência do aconselhamento, a reiterada orientação para os jovens, seja nos momentos de desalento, angústia, melancolia existencial, frustração ou desventura familiar ou material, seja nos momentos de glória – publicações, promoções, viagens, casamentos.

A orientação quase pedagógica reforça o *cuidado de si*, apoiando-se nas *forças curadoras da poesia*. Lembramos que a expressão também faz parte do universo de Manuel Bandeira quando, em seu *Itinerário de Pasárgada* e em muitos outros momentos de sua obra, reproduz sensação e pontos de vista similares. (Ribas, 1997, p. 130).

Por “cuidado de si”, na correspondência machadiana, entendemos o “si” com o atributo privilegiado de “ser poeta”, escritor, ser autor. Supomos que, ao reforçar a estima do destinatário elogiando a sua condição de autor, ao incensá-lo, o missivista realoca o leitor (destinatário) em uma posição especial; ao mesmo tempo deixa o destinatário à vontade para se colocar da mesma forma e emitir comentários sobre a produção literária uns dos outros; vale lembrar que estes seus leitores de cartas serão sempre autores de cartas e livros, já que Machado se corresponde com a sociedade letrada em que está inserido. Tomemos alguns exemplos:

*“Mal tenho tempo de agradecer-te muito do coração o belo artigo que escreveste /.../, a propósito das Americanas. Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre as minhas jóias literárias. Vai por este vapor um exemplar da Helena, romance que publiquei no Globo/.../ Escrevo esta carta, à hora de sair da Secretaria...”*

Carta de Machado a Salvador de Mendonça (13.XI.1876)

*“/.../com as minhas saudações, [despeço-me] e mande-me em troca alguns versos se os houve e, se não, a sua boa pessoa epistolar, que é a própria pessoa do autor. Adeus...”*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (11.1.1880)

No círculo machadiano, as cartas vão nos trazendo, pouco a pouco, o procedimento de olhar para si mesmo, mas mediado pelo olhar alheio; ao corresponder-se com seus pares, a estratégia tem o efeito de defender e reafirmar o lugar do missivista na sociedade da época.

Assim, o primado da “cultura de si” - através do preceito segundo o qual todos devem “cuidar de si” sem olhar apenas para o seu eu - representa uma atitude, uma conduta e se desdobrava em procedimentos metodológicos, acabando por instituir uma prática social; o cuidado de si proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração de um saber (Foucault, 1985, p.50).

A escrita da correspondência em Machado apresenta, também, um projeto literário de cunho pedagógico – o de conduzir os jovens destinatários em direção às Musas - poesia - e filhas da memória –; ao estimular os jovens amigos, ao ser generoso no compartilhar experiências, Machado ia constituindo e repassando a arte do ofício e a de viver e transitar bem na elite intelectual. Cuidando do outro, cuidava de si.

Este caminho fica ainda mais significativo a partir dos relatos – recorrentes e consensuais – sobre o rosário de doenças que unia os missivistas numa confraria de queixosos contumazes. Embora tenhamos lido alguns autores da época sobre questões médicas e psiquiátricas (Serpa, Arquivo ABL s.d.) , neste ponto a nossa preocupação não é com o grau de veracidade dos males relatados, mas com a representação simbólica destes sintomas e com o efeito que poetas obtinham ao irmanar-se pela doença. Em se tratando de Cartas, a doença instalada não é visível fisicamente, mas no relato. Todos falam de si, mas dificilmente vêem fisicamente o corpo marcado pela dor. Roberto Corrêa nos traz a bela imagem do rosto como representação viva do sintoma narrado, ao afirmar que “Do corpo, o rosto é o local privilegiado: papel branco onde se escrevem as sintomatizações; acentua-se aí seu significado metafísico de espelho da alma”.(Santos, 1999, p. 20).

Machado foi aquele que, por mais discrição que tivesse, não conseguia esconder plenamente o texto do seu próprio corpo – mesmo porque sua situação física era muito difícil. As dissimulações, redundâncias, negativas, silêncios são estratégias que a sua pena, não o seu corpo, consegue realizar. O físico, em decorrência da que chamava “natureza madrasta”, expunha, sem que pudesse controlar, a carga da sua dor.

O horror de Machado pela sua *nevrose*, tal como observa um de seus biógrafos, Alfredo Pujol, é uma realidade presente na sua correspondência. Machado recusava-se a se revelar, intimamente, aos amigos, numa retração produzida pela sua psicologia. Seu amigo mais íntimo, apesar da diferença de idade, foi Mario de Alencar, segundo os médicos da época, um típico

“nevrosado”. Em geral, Machado escondia sua doença. Certa vez, a um amigo, que indiscretamente lhe notara o embaraço da dicção, problema ainda mais agravado pela gagueira – o que ficava visível nas reuniões da Academia e ante alguma situação de proferir discursos e palestras –, ele se defendia:

*“A razão era estar com aftas, que me mortificavam e impediam de comer.”*

Carta de Machado a Lucio de Mendonça (11.VI.1900)

Como previsto, o lugar deste corpo doente não deveria ser a esfera pública, mas o repouso, o quarto, a cama representando a diminuição e a recusa do contato com os espaços sociais mais amplos. Ora, sabemos que o enfermo fica confinado, privado da convivência com os outros, mesmo que o isolamento não seja do seu interesse. O que então causaria, primariamente, esta dor? Roberto Corrêa explica a dor pela privação do afeto – herança romântica:

A carga de dor provocada pela cena afetiva impõe recusa à vida. A defesa e seus mecanismos são de natureza reativa: para não sofrer do afeto, sofre-se de fato do corpo – este é o modo que a memória escolhe para descarregar. (Santos, 1999, p. 21)

Esta intensa carga de sofrimento, no entanto, não é a causa absoluta da presença das doenças presentes nos textos do século XIX. Do ponto de vista dos valores e atitudes, a produção ficcional do período tinha uma estreita relação com a própria sociedade que a inspirava.

Queremos dizer, com Roberto Corrêa dos Santos, que o estado de Machado encontra projeção na vida social do século XIX. A diferença é que Machado representava o esforço do não confinamento que a enfermidade obriga. E, apesar da doença, transitava, o máximo que podia, no espaço freqüentado pela elite intelectual e política da sua época. A restrição espacial que infelizmente, segundo ele, não pôde ultrapassar foi a experiência das viagens. Machado jamais saiu do Rio de Janeiro. Alguns trechos de cartas:

*“ ....o invejo de longe...Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos anos, e por outras razões não menos melancólicas, creio que irei deste mundo sem ver uma outra parte dele, que atraem os jovens do meu tempo e continuará a atrair os de hoje. Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a imortalidade de Shyloch e de Julieta e Romeu. Sei o que Byron ainda pôde achar nas águas do Lido e o que Stendhal contou de Milão, sem esquecer os versos de Musset e de tantos outros.”*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (25.IV.1897)

Sobre a sua doença, temos algumas informações específicas (Costa,1937, pp.15-22), colhidas aos acervos da ABL. Miguel Couto foi o médico-assistente e, segundo o próprio Machado, o seu médico de alma, apoio incondicional na sua vida, conforme relata ao jovem Mario, filho de José de Alencar:

*“De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original, deixe-me chamar-lhe assim. Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça”.*

Carta de Machado a Mario de Alencar ( 21.I.1908.)

Na época, não havia remédio para a epilepsia, nem algum que minimizasse as crises de convulsão e as graves doenças decorrentes; além de amnésias e dores de cabeça, havia o que Machado chamava tísica mesentérica, grave infecção intestinal que debilitava todo o organismo. .

Neste contexto difícil, a função do médico era “cuidar da alma”, como desabafava Machado em algumas cartas: reforçava a estima do doente, fazia-o sentir-se acompanhado e ainda o ensinava a reconhecer em si os sintomas da crise para que, quando ela estivesse se aproximando, pudesse tomar algumas medidas práticas, tais como: evitar sair à rua, manter-se em lugar adequado para não incorrer no risco das quedas, proteger a língua das mordeduras convulsivas e, sobretudo, a recuperar seu “equilíbrio de espírito” porque, durante as crises, havia apagamentos — que Machado chamava de brancos e vazios —, com perda de memória seguidas de intensas dores de cabeça.

Vejamos algumas notas sobre as crises de epilepsia (Magalhães Jr., 1981, s.d.), escritas pelo próprio Machado:

4 de setembro

*A ausência em casa do Garnier, onde bebi água e Lansac me deu saís a cheirar. Era de tarde. Fizera-me sentar, e eu respondi em português, ao que ele me dizia em francês, saí, vim a casa, jantei, e saí para a estrada de ferro, onde me despedi do Lauro Müller, que ia a Minas./.../ Conteí isso ao médico ( Miguel Couto ), dizendo-lhe que mediaram. Ente o fenômeno e a crise que tive no jornal, 22 dias.”*

17 de setembro

*Caso da bacia, à noite (Ausência?)*

*Outra ausência a 18 de setembro.*

9 de outubro

*(Ao fim do jantar) Crise. Não me ficaram as dores de costume, mas fiquei sonolento e não saí.*

Novembro

*Noite 3 para 4 – Amanheci...Não sei se foi ausência ou crise. Crise não me pareceu, não me ficaram outros sinais.*

*14 — Ausência.*

*15 (Noite) Sinais de crise, ao jantar boca amargosa e aquilo da...*

Dezembro

*4 – A tarde em casa, o sono antes do jantar, precedido do sintoma. Durante os outros dias leves incômodos nervos, menos intensos e duradouros, iguais aos que costume ter.*

*27 – (À tarde) Cochilo no bonde e vontade de dormir./.../”*

A prática de recolher e de registrar anotações é mobilizada, segundo Foucault, pela *cultura de si*: representa o cuidado consigo mesmo e o resultado é a *escrita de si*, o lugar entre a carta e o diário, o espaço em que modos de adoecer são também modos de dizer. Há outros exemplos de relatos e queixas sobre a constância e a repetição das doenças, ou seja, da sua não cura:

*“A minha doença seria antes cansaço que outra coisa. Estou e continuo muito fatigado, e ultimamente, por isto ou aquilo, tenho tido algumas dores nevralgias na cabeça, mas não estão passando.”*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (29.V.1897)

*“Esta carta não é longa. Escrevo-a com um acesso intermitente de nevralgia, talvez agravado pelo trabalho do gabinete, que é grande e longo. Já lhe disse esta última parte mais de uma vez. Não estranhe a repetição; é próprio da idade.”*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo ( 21.II.1901)

O amigo mais íntimo de Machado, Mario de Alencar, foi aquele com quem se identificava pelo amor à poesia e pela doença. Falando no filho de José de Alencar lembramos que o jovem Mario contava nas cartas todos os pormenores de seu estado mórbido, que se estendia ao *spleen*, ao mal dos nervos, à visceral melancolia, enfim, ao que hoje equivaleria a estados depressivos crônicos. Maria Helena Werneck lembra-nos que exatamente a correspondência de Mario e Machado representa “O regime de anotações diárias das mutações de humor e da saúde do corpo que fornece a base da retórica narrativa do Memorial de Aires, ou melhor, o modelo para os ‘cadernos do conselheiro’ ”...(Werneck, 1996, p. 239)

Nas cartas, ao falar com insistência de si mesmo, da sua doença – sem jamais nomeá-la - , os poetas repetem a paixão ultra-romântica em seu conluio amor e morte – mas como efeito do cuidado de si, de chamar a atenção para o próprio corpo, tudo para não ser esquecido. Exemplos:

*“A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias.”* (gr. nossos)

Carta de Machado a José Veríssimo (31.I.1904)

*“O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes, delicados e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe, também doente sem médico.”* (gr. nossos)

Carta de Machado a Mario de Alencar (8.II.1908)

*“Eu, que tenho mais direito a enfermidades, não lhe digo senão que as vou espiando com olhos cansados. O muito trabalho destes últimos dias tem-me trazido alguns fenômenos nervosos.”* (gr. nossos)

Carta de Machado a Mario de Alencar (21.I.1908)

*“É preciso sacudir esses nervos despóticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para tais casos.”*

Carta de Machado a Mario de Alencar (23.IV.1908)

Com a leitura das cartas, fomos observando que mesmo quando está falando de outro assunto, de repente Machado traz o foco para si, para o próprio corpo doente. A epilepsia jamais é nomeada enquanto tal, em decorrência do sentimento de autopreservação pessoal e do sentido

profundamente negativo que o termo assumiu como herança dos séculos anteriores no imaginário ocidental. Vale observar que, no texto das cartas, a doença fica ainda mais agravada pela sua não referência explícita. Há um pacto silencioso entre os missivistas em esconder o nome terrível.

Os correspondentes comprazem-se na dor e na doença. Observamos singularidade no caso de Azeredo quando, numa determinada carta, ele declara a vontade de cura :

*“por minha parte, passei todo este tempo sem lhe escrever mais, porque estive bastante doente, ainda que não de cama; a dispepsia nervosa agravou-se-me, em conseqüência talvez do trabalho a que me entreguei desde a minha chegada/.../ [o médico] acabou por impor-me absoluto repouso intelectual e grande exercício físico. Eu sujeitei-me sem resistência, por que compreendi afinal quanto a saúde é necessária para realizar o meu plano de vida.”*

Carta de Magalhães de Azeredo para Machado (2.III.1895)

Em carta de 2.IV.1895, também ao amigo Magalhães de Azeredo, Machado fala da dispepsia nervosa e cita que padeceu de uma retinite – inflamação nas retinas -, motivo pelo qual ficou proibido de ler durante longas semanas, relatando que foi a mulher quem lia para ele e acabou ficando como secretária, pois lhe ditou a maior parte de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ao relatar as dores e males vividos, os amigos missivistas buscavam apoio mútuo, similaridades, vivências em comum.

O apoio epistolar traduz-se, portanto, em demonstrações explícitas de afeto - o mesmo que parece não ser sentido em um nível mais profundo - unindo os missivistas numa confraria de artistas sofredores. É este amálgama afetivo que os vincula e lhes suaviza as dores, ao mesmo tempo em que preenche os recorrentes e declarados vazios e lhes compensa a carência afetiva.

A frequência das cartas, o vínculo entre os poetas, a idéia compartilhada de salvação pelas musas, tudo compõe um reforço da permanência e representa uma compensação do sujeito que cuida de si; de um círculo de sujeitos que, simultaneamente à experiência da própria finitude precipitada pela doença constante, alimentam-se da dor para continuarem presentes e até, quem sabe, se sentirem amados. Retomamos Maria Helena Werneck, “ O corpo ameaçado coloca em risco a produção artística, mas, em sentido contrário, pode nutrir-se da fraqueza para constituir sua soberania.” (Werneck, 1996, p. 141).

Sobre a comparação mediana do corpo e terapêutica da alma, toda uma série de metáforas médicas é utilizada regularmente para designar as operações necessárias para os cuidados da alma

e estão presentes na produção ficcional do século XIX, lembremos aqui a prosa machadiana: usar um escalpelo na ferida, abrir um abscesso, evacuar as superfluidades, dar medicações, fazer um emplasto, prescrever poções, calmantes ou tonificantes.

Em 1895, Azeredo envia ao Mestre outra carta em que faz uma reflexão preciosa sobre o outro mal daquele século - o tédio, *l'ennui*, *spleen* – que atravessara o período romântico e que, na vida íntima dos missivistas em finais do século XIX, ainda os acometia a todos.

*“... essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime e para tudo o inutiliza/.../ isso não pode ser senão doença, contra a qual vale mais a higiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre; também eu não o sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal, a arte é um bom refúgio, perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna.”*

Carta de Magalhães de Azeredo a Machado (3.IX.1895)

Sobre o mesmo tema, vejamos agora um desabafo do próprio Machado:

*“Não queria lamentar-me, seria amargo, seria talvez injusto, por que me sinto de uma tristeza enorme, obscura; se me perguntasse a causa, não lh’a saberia dizer ao certo. Eu a atribuo ao cansaço do organismo, à debilidade irritadiça dos nervos, que assim andam, mais ou menos, desde a influenza que tive no ano passado; tudo isso produz uma exacerbação da minha sensibilidade já naturalmente tão grande, tão caprichosa, tão estranha, e daí essa melancolia de que tenho quase remorso. O que procuro esconder dos meus, tão caros e tão bons para mim; mas nem sempre o consigo, porque sou fraco e inábil na dissimulação. E eis aí como pessoas felizes estragam a própria vida! Mas não é culpa minha, é culpa da natureza que assim me fez. De algum modo se há de pagar o tributo indispensável à miséria humana.”*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (20.VII.1901)

Com relação ao tédio, à melancolia e ao ceticismo, reconhecemos um tom epicurista em certos trechos das cartas de Machado, embora com “rabugens de pessimismo”. O elogio da mocidade caminha ao mesmo tempo em que tece o elogio da poesia e o reiterado queixume da debilidade de uma velhice precocemente vivida. Como podemos observar em mais este trecho de carta:

*“Conte-nos...o que sua alma de moço inspira... Cada idade tem a sua poesia, mas a mocidade é de si mesma a poesia./.../ Disponha de mim, e não deixe de crer que lhe quero muito e muito. Seu do coração, Machado de Assis”.*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (2.II.1895)

*“Os anos, meu amigo, de certo ponto em diante andam muito depressa. Sabe quantos conto já? Entrei nos sessenta. Não escrevo em algarismo para não me afligir a vista. Ponha sobre isto o constante e crescido trabalho administrativo, e diga-me se pode haver nestes ossos muito que espremer para a literatura. Feliz ou infelizmente, como é vício velho, vou cachimbando o meu pouco”.*

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (7.XI.1899)

Para consagrar-se a cuidar de si, é preciso renunciar a outras ocupações e, nesta vacância, tornar-se disponível para si próprio, atividade que demanda não perder tempo nem poupar esforços para se transformar. Machado, entretanto, não renunciou a cargos significativos – tanto durante o Império, quanto na República. Por diversas vezes, faz referência aos trabalhos administrativos e burocráticos que precisava manter ao mesmo tempo em que se dedicava a escrever seus livros. Pelas mensagens, inicialmente temos a impressão de que a atividade administrativa atrapalhava o trabalho do escritor.

Assim o cuidado de si projeta-se na ajuda ao outro, o que decorre na intensificação das relações sociais sob a égide da reciprocidade: um jogo de trocas em um sistema de obrigações mútuas.

*“Dar notícias de si é menos enviar informações sobre as disputas na Academia e sobre os compromissos a que deve comparecer como Presidente da Instituição, como banquetes a políticos da República Velha. É mais aproveitar para olhar para o seu corpo transformado em máquina que fala e dispensa a máscara.” (Werneck, 1996, p. 235)*

A compensação de Machado para a doença, para a sensação de deslocamento no próprio meio e no próprio tempo – passado e presente, porque futuro não há - promovia uma necessidade visceral de integração, de correspondência, confraria, instituição. Este é um outro viés para que possamos compreender a premência que Machado provavelmente sentia em vincular-se aos companheiros. E, juntando com o fato de seu corpo expor sem pudores o que ele cuidava de reter para si, o caminho mais confortável era – presença ausente - a escritura.

Quando estudamos as cartas de Machado de Assis, na verdade pensamos nas relações entre vida e escrita, autor e obra. Se nós insistíssemos na expectativa de encontrar “segredos” da vida íntima de Machado e esperássemos recortar, na correspondência passiva e ativa, subsídios para uma “biografia machadiana autêntica”, não teríamos compreendido a lição de Foucault, nem o trabalho de desconstrução das categorias empreendido pelos pós-estruturalistas franceses, quando

afirmam que a autobiografia não é um gênero ou um modo, mas uma figura da leitura ou da compreensão que ocorre, em algum grau, em todos os textos. (De Man, 1992, p. 70)

O desafio é compreender o sujeito machadiano que nós, leitores especialistas, constituímos durante a leitura das cartas. “Dissolver” o sujeito Machado não é, portanto, desvalorizá-lo nem desmerecer sua representatividade na história da cultura brasileira. Antes, bem antes, é compreender a sua polifonia, é encará-lo como possível formador de textos outros e de novas heranças. Machado missivista orienta-se pelo desprendimento de si mesmo como forma de auto-reconstrução incessante, uma arte de viver, uma estética da existência. O autor de si próprio é o homem autêntico, aquele que faz da sua vida uma obra que exige permanente cumprimento, a coerência entre a teorização e a conduta. Assim Machado constrói uma narrativa tecida ao contrário, a percepção da finitude sobre o desejo da permanência e o sutil bordado do vazio sobre o nada - tudo nos é oferecido pela escrita e pode se resumir na tensão vida e morte, memória e esquecimento.

Talvez agora tenhamos conseguido entender um pouco mais esta forma de leitura – e possamos projetá-la na correspondência machadiana –. Para então compreendê-la como o percurso de um indivíduo-autor que se oferece ao olhar alheio não como lei verdadeira a ser obedecida, mas como exemplo de autenticidade capaz de inspirar alguém; aquele que, ao decidir prescrever sua vida, procura, com as palavras, um modo de estar consigo mesmo e com os outros sem pretender suplantá-los.

E por isso a cabeça não está a prêmio. Por mais que tentemos, não é possível cometer parricídio porque sequer há um pai ou um filho. Entre a orfandade e a esterilidade, Machado se reinaugura a cada momento-escrita, conduta análoga à formação – descontínua e híbrida - da identidade brasileira.

### **Referências Bibliográficas:**

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. Vol. I, II e III.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis com os Acadêmicos* – Documentos manuscritos do Arquivo Machado de Assis, Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras.

ALENCAR, Mario de. Notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia*, 1 e 3. Rio de Janeiro: ABL, 1910-1911: 137-45 & 91-7.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

- CHALHOUB, Sidney. *Machado historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COSTA, Othon . *Machado de Assis, epilético*. pub.Gazeta Policial, 31 jul 1937.
- DE MAN, Paul.. Autobiography as de-facement. In: \_\_\_\_\_. *The Rhetoric of Roamntism*. Op. cit. Michel Foucault,1992.
- FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce q'un auteur? In:\_\_\_\_. *Bulletin de la Societé Française de Philosophie, 63e année*. nº 3, Jul-sep, 1969.
- \_\_\_\_\_. A cultura de si. In: *História da sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. L'écriture de soi. In: *Corps écrit. Autobiographie*. Paris: Press Universitaires de France, n.5, 1983, pp.03-23.
- MAGALHÃES JÚNIOR., Raimundo. *Machado de Assis, funcionário público: no Império e na República*. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação, 1958.
- RIBAS, Maria Cristina. A mediação no tabuleiro: 'Cortem-lhe a cabeça!' Reflexões em torno da escrita epistolar machadiana. Revista PaLavra no.9. Rio de Janeiro. Trarepa, 2002.
- SANTOS, Roberto Correa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. Força subterrânea (Prefácio). In: BROCA, Brito J. *Machado de Assis e a Política mais outros ensaios*. Obras Reunidas 14. São Paulo: Polis; Rio de Janeiro: INL/Pró-Memória, 1983.
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- WERNECK, Maria Helena. O homem encadernado. *Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.